

ritas, iniciou a chamada dos 16 mortos, sendo a palavra "presente" proferida pelos soldados do 8.º B. C. F.

A benção dos soldados e voluntarios foi officiada pelo revmo. monsenhor João Loschi.

A INAUGURAÇÃO DO MAUSOLÉO

O primeiros dos oradores a falar foi o revmo. padre Luiz de Abreu, que num brilhante e feliz improviso inaugurou o Mausoléo dos Voluntarios campineiros, em nome do dr. Pedro de Toledo, 1.º Governador do Estado de São Paulo, aclamado quando da reacção popular do dia 23 de Maio de 1932, na Capital Paulista. O orador apresentou as excusas do illustre ancão, que accamado na Capital da Republica por grave enfermidade, viu-se na imminencia de deixar de vir a Campinas, terra que S. Excia. ama profundamente.

O padre Luiz de Abreu foi ouvido com vivo interesse por todos os presentes, sendo, ao terminar, entusiasticamente applaudido e cumprimentado.

Seguiram com a palavra o illustre prelado, o sr. Moacyr Chagas e o grande poeta paulista, Guilherme de Almeida, que proferiu oração subordinada aos dizeres da legenda esculpida no mausoléo, e que está assim concebido:

Não é tumulo— Aqui não ha o frio e o silencio e a quietude da morte; mas o calor e a eloquencia e agitação da vida...

Vida subterranea, porque é de mais para palpitar á superficie mesquinha da terra... Os olhos, que aqui pousaram, não pousarão com lagrimas de saudade, mas com brilho de esperanza... E o gesto que para aqui se extender não terá a plangencia dolente de mãos que se alongam para dizer adeus; mas a cariciosa doçura de mãos que baixam para abençoar e embalar. Porque isto não é tumulo:

E' berço! Aqui nasceu e sonha — acalentada pelo morno contacto desta terramaternal e sob as azas tutelares de um austero Anjo-da-Guarda que tem nas mãos um Livro e uma Espada, isto é, o Direito e a Forço —, aqui nasceu e sonha uma Patria criancinha. Palpebras translucidas voltadas para o docel azul onde, entre vôos de andorinhas, rôla o guiso de oiro do sol e dansam as estrellinhas de prata a suadansa -de-roda; neste berço a criancinha sonha consigo mesma, com o que será quando fôr moça e livre... Pois todo berço,

E' sementeira de ideal: e a boa semente nunca está morta na terra boa; está sempre vivendo o alto ideal para indefinidamente desenvolver-se, distribuir-se, aperfeiçoar-se em raiz que vivifica, em caule que sóbe, em folhagem que protege, em sombra que conforta, em flôr que encanta, em fructo que alimenta, em grão que multiplica... Este é canteiro fecundo semeado de guerreiros de uma Guerra Santa... Na boa terra, a boa semente é marco plantado entre a colheita que houve e a colheita que haverá... E'

Balisa do futuro. E' este padrão ha tres annos levantado ao nosso céu e firmado na nossa terra para marcar nossa posse e dominio sobre nós mesmos, para a todos contar onde terminaria o nosso passado de provações e onde começa o nosso futuro de gloria... Estas pedras firmes aqui estão como

Pista, rastro de heroes na terra Campineira... Pégada para a frente, funda e indelevel, que o passo épico de um gigante deixou calcada neste sólo para denunciar aos que vieram a trilha certa dos que se foram... Dos que se foram, ficando... Olhae como,

Sobre elles, côr a côr, está a aza extendida de uma bandeira. Côres que não são côres: preto que é negação de toda côr, branco que é fusão de todas as côres; contraste providencial e sabio que ensina que São Paulo só foi grande e forte, quando não teve "côres" partidarias, não se subdividiu em matizes, antes fundiu-se todos num só, purissimo entendimento que lhes custou, talvez, o sangue concentrado, bem alto, naquelle tôpo vermelho... E vêde como,

Lista por lista, recta e parallelamente — como é recta a nossa vontade parallela ao nosso destino — estirou-se ahi a nossa Bandeira! Ella é a Alma Paulista, com as sete das Dôres...

Estirou-se toda... E, de repente, parada, estagnada, paralyzada de passo ante a contagiosa immortalidade dos heroes que ella cobria, assombrada ante o seu gesto immorredouro.

Eternizou seu vôo essa Bandeira, tornou-se immutavel como os soldados que, sob ella, a gloria immobilizará... Transfigurou-se um granito perenne,

Petrificou-se o pavilhão Paulista! E agora é uma rocha inabalavel o que ahi está. A' sua sombra passam, hão de passar Bandeirantes e Bandeirantes... Passam, hão de passar em busca ainda — quem sabe? — das gemmas lendarias que fascinaram Fernão Dias. Mas, pouco terão que andar; pouco que desbravar... Porque o que então era Lenda agora é Historia. O que antes estava longe estáperto agora. As pedras, que eram falsas, são agora verdadeiras. As esmeraldas, que

além dormiam inertes e mudas nas suas jazidas, aqui estão acordadas, attrahindo, chamando, dizendo ellas mesmas aos seus buscadores.

Bandeirantes, por vós, nesta jazida, vélem as pedras! Vélem, espiam como si fossem olhos olhando, sempre alerta, da vigilante terra maternal... E os Bandeirantes de hoje e os deamanhã e os de todos os tempos hão de sempre encontral-as, legitimas, e colhel-as preciosas, aqui, nesta jazida, felizes e gloriosos de terem vivido na esperanza dellas e de por talvez poderem morrer sabendo

QUE ESTA MORTE E' VIDA!

A seguir d